

DESCREVENDO LÍNGUAS BRASILEIRAS: YAATHE, A LÍNGUA DOS ÍNDIOS FULNI-Ô

DESCRIBING BRAZILIAN LANGUAGES: YAATHE, THE LANGUAGE OF FULNI-Ô INDIANS

Januacele da Costa
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

Tratamos, neste texto, de apresentar uma discussão proposta para a Mesa-redonda sobre Linguística e Línguas indígenas, por ocasião do VII ECLAE, realizado na UFRPE, Campus Garanhuns-PE. Por volta de 1500, época em que os Portugueses chegaram ao Brasil, aqui eram faladas, de acordo com Rodrigues (1993), mais de 1200 línguas nativas. Hoje, o cálculo mais difundido para a situação atual é que existem 350 mil pessoas e 206 etnias, com cerca de 180 línguas, das quais a grande maioria se encontra na região amazônica, para uma população que se distribui em 41 famílias, dois troncos, uma dezena de línguas isoladas. Durante a colonização, as políticas de extermínio ou de integração dos povos indígenas dizimaram os povos nativos e/ou suas línguas de uma forma brutal. No território hoje conhecido como Região Nordeste, onde a exploração aconteceu mais cedo, somente uma língua sobrevive, funcionalmente, até os dias atuais. Trata-se da língua Yaathe falada pelos Fulni-ô, que vivem no município de Águas Belas/PE. Da maior parte das línguas desaparecidas, não se tem qualquer registro porque elas não foram descritas. Assim, o texto compõe-se de uma breve introdução sobre perspectivas de estudos linguísticos que vieram a contribuir para o trabalho com línguas ágrafas, de um panorama da descrição de línguas indígenas no Brasil e da apresentação de alguns aspectos da tarefa de descrever línguas ágrafas, tomando como exemplo para essa última questão dados da língua Yaathe, em três níveis de análise (fonologia, morfologia e sintaxe).

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Indígenas Brasileiras; Descrição; Yaathe

ABSTRACT

By 1500, a time when the Portuguese arrived in Brazil, 1,273 languages were spoken here. (RODRIGUES, 1993). Today the most widespread calculation is 350 000 people and 206 ethnic groups. There are about 180 languages, of which the vast majority is in the Amazon region, for a population that is distributed in 41 families, 2 trunks, about 10 isolated languages. During colonization, extermination or integration policies of indigenous peoples decimated the native people and/or their tongues in a brutal way. In the territory now known as the Northeast, where the exploitation took place earlier, only one language survives, functionally, to the present day. It is the language Yaathe, spoken by Fulni-ô people who live in Águas Belas/PE municipality. The most of the languages that have disappeared does not have any record because they were not described. Thus, the text consists of a brief introduction to perspectives of linguistic studies that came to contribute to the work with unwritten languages, an overview of the description of indigenous languages in Brazil and the presentation of some aspects of the task of describing unwritten languages, taking as an example to this last question data of Yaathe language in three levels of analysis (phonology, morphology and syntax).

KEYWORDS: Brazilian Indian Languages; Description; Yaathe

INTRODUÇÃO

A linguística, ou os estudos linguísticos, ou seja, o interesse pela língua, nasce precipuamente como descrição de línguas. Na antiguidade clássica, esse interesse nasceu com os gregos, que começaram a especular sobre a natureza da linguagem humana – convenção ou natureza? – e sobre a sua constituição – regularidade ou anomalia? Diferentes necessidades despertaram o desejo de uma melhor compreensão da linguagem humana: políticas (o grego como língua boa frente às línguas dos demais povos – línguas bárbaras); literárias (análise dos textos clássicos, principalmente os poemas de Homero); retóricas (saber falar), etc. Esse interesse resultou na produção das primeiras gramáticas do Grego e prosseguiu com a produção das gramáticas do Latim, ainda na chamada antiguidade clássica.

Na Idade Média, foram produzidas gramáticas pedagógicas e gramáticas especulativas, essas últimas já com preocupações teóricas. No Renascimento e até às vésperas dos tempos modernos, foram feitas as gramáticas filosóficas, entre as quais as mais notórias são as gramáticas filosóficas de Port-Royal, e fizeram-se também análises fonéticas e etimológicas de diversas línguas. No século XIX, o foco do interesse pelo estudo da linguagem humana desvia-se para o comparativismo e a linguística histórica, deixando-se de lado as descrições de estados sincrônicos de línguas, perspectiva que vai ser retomada no começo do século XX, a partir da difusão das ideias de Saussure com a publicação do Curso de Linguística Geral (1916).

Na primeira metade do século XX, predomina a visão estruturalista do estudo da linguagem humana. Vários modelos estruturalistas são propostos, uma distinção principal sendo estabelecida entre esses modelos, notadamente, estruturalismo europeu e estruturalismo americano.

O estruturalismo europeu, que busca desenvolver a teoria saussureana e aplicá-la ao estudo das línguas europeias conhecidas, propondo descrições científicas de estados sincrônicos de línguas e a compreensão do funcionamento dessas línguas, destacando-se entre os seus teóricos os nomes de Jakobson e Trubetzkoy, construiu modelos para a compreensão, principalmente, dos sistemas fonológicos. O estruturalismo americano foi iniciado por Franz Boas, que estabeleceu o princípio para descrição das línguas indígenas, ou seja, que, sob uma abordagem empiricista, cada língua deveria ser descrita e analisada em seus próprios termos. Com Bloomfield, o estruturalismo tomou a forma do distribucionalismo, modelo para o qual os dados são a única e suficiente realidade para o estudo da língua, propondo métodos de investigação completamente indutivos e empiricistas. Pike, atuando principalmente pelo SIL (Summer Institut od Linguistics), desenvolveu o modelo tagmêmico, cujo objetivo era “reduzir línguas à escrita”. O modelo pikeano foi amplamente usado pelos primeiros descritivistas de línguas indígenas brasileiras.

Foi, então, a partir do modelo estruturalista desenvolvido pelos americanos, que a descrição de línguas ágrafas avançou consideravelmente. O interesse principal desses estudiosos, a descrição das línguas nativas da América, favoreceu a pesquisa e estimulou as empresas de descrições

dessas línguas, permitindo um grande avanço da ciência linguística tanto em termos teóricos quanto em termos metodológicos, além de causar uma mudança de mentalidade em relação a atitudes face às línguas, que eram até então classificadas como línguas boas e ruins, línguas de povos civilizados e línguas de povos primitivos. A aplicação do estruturalismo para a descrição da enorme diversidade linguística encontrada no Novo Mundo mostrou que todas as línguas são línguas boas, que não existe o conceito de língua primitiva, que cada língua é, em si mesma, uma fonte de dados valiosíssimos para a compreensão da natureza, da organização e do funcionamento da linguagem humana.

Começou-se, então, o estudo científico da língua, conforme proposto por Saussure (1916). Uma grande quantidade de línguas indígenas da América do Norte foram descritas, fornecendo-se para suas estruturas explicações científicas, produzindo-se gramáticas, dicionários, coletâneas de textos, listas de palavras, entre outros registros. No Brasil, foi preciso esperar um pouco mais, como veremos na próxima seção.

1 Línguas indígenas brasileiras e suas descrições

No Brasil, encontrava-se uma grande diversidade de línguas à época do descobrimento. Citamos aqui, mais uma vez, Rodrigues (1993), quando ele diz que “às vésperas da conquista, eram faladas cerca de 1.200¹ línguas. Hoje o cálculo mais difundido é 350 mil pessoas e 206 etnias São cerca de 180 línguas, das quais a grande maioria se encontra na região amazônica, para uma população que se distribui em 41 famílias, dois troncos, uma dezena de línguas isoladas”, uma citação mil vezes repetida sempre que falamos de línguas indígenas brasileiras e da importância do seu estudo para diferentes esferas da vida humana.

Podemos listar diferentes motivos por que o estudo das línguas indígenas no mundo todo é de grande importância para a humanidade. De acordo com Hinton (2001, p. 4), em primeiro lugar, a perda da língua indígena está ligada à usurpação da terra, à destruição dos habitats indígenas e à integração dos povos indígenas à sociedade mais geral, geralmente nas classes mais baixas dessa sociedade, e, por isso, a morte de uma língua

1 Rodrigues (1993) informa um número exato: 1.273 línguas.

é parte da luta pelos direitos humanos, porque a escolha da língua é parte dos direitos dos povos indígenas a sua terra, sua autonomia e a sua autodeterminação cultural e econômica.

Outros motivos ainda podem ser acrescentados a essa questão fundamental, como a necessidade para a teoria linguística da diversidade linguística de modo que a ciência linguística possa entender a gama de possibilidades da linguagem humana e os modelos cognitivos que explicariam essas possibilidades. Os estudos das muitas línguas indígenas têm fornecido valiosos *insights* para a linguística histórica, universais e tipologia, sociolinguística e linguística cognitiva. As línguas que se encontram em risco de extinção e que ainda não foram descritas podem contribuir muito essa compreensão da linguagem humana. Tem-se também a questão do próprio conhecimento humano, pois sabemos que, quando uma língua morre, morrem com ela sistemas inteiros de cultura, de crenças e de conhecimento.

De acordo com Harrison (2007, p. 7, citado),

Language disappearance is an erosion or extinction of ideas, of ways of knowing, and ways of talking about the world and human experience. Linguist Ken Hale, who worked on many endangered languages up until his death in 2001, told a reporter: “When you lose a language, you lose a culture, intellectual wealth, a work of art. It’s like dropping a bomb on a museum, the Louvre.

Ou seja, “nós simplesmente não sabemos o que podemos perder com a perda de uma única língua”. (HARRISON, 2007, p. 7). Além disso, esse autor observa que devem ser considerados ainda dois outros fatores: o processo acelerado de perdas de línguas e o sentimento do falante. De acordo com Harrison (2007), já em 2001, estimava-se que o número de línguas existentes no mundo seria pelo menos 6.912, enquanto estima-se que no ano 2101 somente metade dessas línguas ainda estarão sendo faladas. São 204 línguas com menos de 10 falantes e 344 línguas com entre 10 e 99 falantes. Essas 548 línguas com menos de 99 falantes (1/10 das línguas do mundo) enfrentam risco de desaparecimento quase certo. No passo em que vamos, podemos perder uma língua a cada 10 dias em um

futuro próximo. O falante de uma língua que deixa de ser funcional, em uma comunidade com menos de 10 falantes, sente-se isolado, raramente tendo a oportunidade de falar a sua língua nativa, o que o faz tornar-se quase invisível, circundado pelos falantes de outra língua, a língua dominante, que nem mesmo o reconhecem. Ele, rapidamente, esquece palavras, expressões idiomáticas e regras gramaticais, devido à falta de prática.

No período colonial brasileiro, pouco se fez em termos de registro e descrição das línguas aqui encontradas. No afã desenfreado dos conquistadores europeus pela posse da terra e das suas riquezas, uma fração enorme dessas línguas desapareceu sem deixar vestígios, assim como desapareceram os povos que as falavam, extintos física e/ou culturalmente através das muitas estratégias inventadas pelos colonizadores para destruir os povos e as culturas nativas. Nesse período, os estudiosos que se interessaram por algumas das línguas, sempre com o intuito de cristianizar os para eles povos bárbaros, selvagens, sem alma, sem rei, sem fé e sem lei, foram os religiosos que para aqui vieram especificamente permitidos pelos governantes portugueses para trabalhar na conversão do gentio.

Apenas duas línguas, Tupinambá e Kiriri, tiveram gramáticas elaboradas, sendo essas gramáticas de caráter descritivo, mas ainda sob o ponto de vista da tradição greco-latina.

Do Tupinambá, o padre jesuíta José de Anchieta escreveu, em 1595, a *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil* e o padre Figueira, em 1687, escreveu *Arte da Grammatica da Língua do Brasil*. Esses títulos já indicam a tendência da época a, por um lado, obscurecer a diversidade linguística aqui encontrada, enquanto por outro lado representam o pensamento da época, que não considerava línguas verdadeiras aquelas usadas por povos julgados inferiores. Assim, nessa época, Tupinambá era considerada uma língua boa, enquanto que as línguas dos demais povos eram julgadas línguas de bárbaros, ou melhor, não eram línguas. As gramáticas do Tupinambá foram escritas com o objetivo precípua de introduzir a religião cristã entre os indígenas. Povos Tupi podiam ser catequizados na língua Tupinambá, espécie de língua franca entre esses povos que habitavam principalmente o litoral, e na qual Anchieta escreveu a sua gramática, catecismos e autos. Indivíduos Tupi catequisados serviam de intermediários na catequização e em outros tipos de convencimentos de

povos que falavam outras línguas, sobretudo os povos que eram chamados Tapuias, habitantes dos sertões nordestinos.

A gramática do Kiriri, *Arte de Gramática da Língua Brasileira da Nação Kiriri*, foi escrita pelo padre Mamiani, em 1699. A gramática, assim como o catecismo também escrito pelo padre Mamiani, tinha os mesmos objetivos das demais obras mencionadas.

Outras formas de registro das línguas brasileiras foram feitas por estudiosos de outras especialidades e viajantes que aqui vinham para o estudo da flora, da fauna e da topografia, por indivíduos com outras tarefas, como os enviados pelos governantes, entre esses Maurício de Nassau, na época da dominação holandesa, para contatar e conferenciar com os chefes indígenas em busca de alianças para a luta contra os portugueses insurrecionistas. Esses indivíduos não possuíam formação em fonética ou em teorias gramaticais e seus apontamentos e anotações não apresentavam sistematicidade, as palavras eram transcritas como cada um pensava ouvir em sua própria língua (holandês, alemão, francês e até latim, entre outras).

Entre os anos 1920 e 1950, algumas gramáticas foram elaboradas ainda com base em gramáticas tradicionais. É só de 1950 em diante que, de acordo com Leite (2007), no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, o Setor de Linguística, a cargo do Professor Joaquim Mattoso Câmara Jr., estabeleceu como finalidade promover a documentação, descrição e análise das línguas indígenas no Brasil. Na década de 1950 o Summer Institute of Linguistics (SIL) chegou ao Brasil com a tarefa de acumular conhecimentos sobre as línguas indígenas brasileiras. Os estudiosos do SIL são missionários-linguistas. Como linguistas, implantaram um modelo padronizado de como se deveria fazer a pesquisa de campo e de como deveriam ser apresentadas as descrições e análises. Pode-se dizer que o que se propunha, pelo lado missionário, era a troca de documentação linguística de povos conquistados pela salvação de suas almas, dado que um dos objetivos do SIL era fazer a tradução da Bíblia para as línguas indígenas, promovendo dessa forma a substituição dos seus mitos, seus costumes e suas concepções de mundo.

Dito assim, parece que os missionários do SIL foram apenas portadores de um grande mal. Devemos lembrar, porém, que não havia no Brasil, nos meios científico-acadêmico-políticos, qualquer interesse pelas línguas indígenas brasileiras. Logo, o esforço do SIL rendeu vários ganhos,

entre eles o registro e estudo de muitas línguas, a formação de um grupo pequeno mas valoroso de linguistas indigenistas – Aryon Rodrigues, Adair Palácio, Yonne Leite, Lucy Seki, Sílvia Braggio, para citar apenas alguns – que multiplicou vocações e conhecimentos e causou a formação de outras gerações de linguistas indigenistas e da criação de vários centros de pesquisa, em muitas universidades brasileiras e em uma diversificada área de interesses teóricos, sobretudo a partir do início dos anos 1980, quando chegou ao fim as alianças entre o SIL e instituições acadêmicas e governamentais brasileiras. Deu-se, então, a consolidação da pós-graduação nas universidades e a documentação e descrição das línguas indígenas brasileiras tomaram novos rumos, com o avanço da linguística nas universidades, constituindo-se, assim, um corpo docente capacitado e com formação teórica diversificada. Impulsionaram o movimento em direção aos estudos das línguas indígenas brasileiras o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade de Brasília, a Universidade de Campinas e a Universidade Federal de Pernambuco.

Atualmente, além desses centros já mencionados, há grupos de pesquisas nas Universidades Federais de Goiás, Alagoas, Pará, Amazonas, Três Lagoas (MS), Dourados (MS), Roraima, Rondônia, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Londrina, Museu Paraense Emílio Göeldi, entre outras. Muito importante também é o acesso de pesquisadores indígenas às universidades, em cursos de Mestrado e Doutorado, tornando-se eles próprios os estudiosos de suas línguas ou da língua de um outro povo indígena.

É preciso mencionar o que se convencionou chamar destupinização (cf. LEITE, 2007). Isto é, os estudiosos desfizeram o mito de que havia apenas uma língua indígena brasileira, o Tupi. Línguas de diferentes troncos, famílias e línguas isoladas passaram a ser estudadas, e o conhecimento dessas e sobre essas línguas atravessou os muros das universidades, chegando ao público em geral e principalmente às comunidades indígenas através do retorno que os linguistas têm dado aos falantes por meio de cursos, consultorias, assessorias, incentivos para a manutenção e revitalização de línguas, participação na tarefa de implantar e dar continuidade ao projeto de educação indígena específica e diferenciada que inclui o direito ao uso das suas línguas maternas na escola, conforme garantido pela Constituição

de 1988.

No que segue, farei um resumo de alguns aspectos dos estudos sobre a língua Yaathe, dos Fulni-ô, povo indígena que tem sua reserva no município de Águas Belas, na microrregião Agreste Meridional de Pernambuco.

2 Aspectos dos estudos sobre a língua Yaathe (Fulni-ô)

Nimuendajú traçou, em um mapa², baseando-se em uma ampla pesquisa documental e *in loco*, a diversidade de línguas indígenas que havia no Brasil, e em parte da América do Sul, no começo da colonização. Nesse mapa, podemos observar a grande variedade de povos e línguas indígenas em todo o território brasileiro. Se olharmos para o território que hoje compreende a região Nordeste, vemos também como muitos povos aí habitavam. No Litoral, estavam as nações Tupinambá, Caeté, Potiguara, Tabajara. Mais para o sertão, encontravam-se os povos Kariri e Tairariú. Tanto no Litoral quanto no interior, havia uma quantidade impressionante de grupos indígenas, hoje desaparecidos, como mostram os mapas atuais das línguas indígenas brasileiras³. Embora haja muitas etnias indígenas reconhecidas na região Nordeste, apenas uma língua sobrevive, que é justamente a língua Yaathe, que tomamos como um modelo para falarmos sobre descrição de línguas propriamente dita.

Há menções, em documentos históricos, da presença dos índios atualmente denominados Fulni-ô, na região onde hoje está situada a cidade de Águas Belas, desde o começo do século XVIII, quando, mais provavelmente, eram nomeados Carnijó. Não há, porém, nenhum registro de interesse pela sua língua, pois nem mesmo os missionários que os reuniram em missões durante esse século e no século seguinte deixaram quaisquer registros conhecidos do idioma nativo.

Com a intromissão do SPI na área indígena, a pedido do Pe. Alfredo Pinto Dâmaso, no primeiro quartel do século XX, alguns registros aparecem sob a forma de listas de palavras, artigos esparsos descrevendo

2 Disponível em Fonte: www.etnolinguistica.org/biblio:nimuendaju-1981-mapa

3 Conforme um desses mapas atuais das línguas indígenas brasileiras, disponível em : <http://www.socioambiental.org/pt-br/mapas>

alguns aspectos básicos da língua, como Branner (1929), Edite Pita (ms, s/d), Barbosa (1950), Pinto (1955).

Na década de 1960, alguns trabalhos foram produzidos. Um casal de missionários-linguistas norte-americanos, Douglas e Doris Melland, do SIL, produziram um vocabulário, um esboço da Fonologia e um esboço da gramática, além de terem elaborado uma tradução da bíblia. Geraldo Lapenda, professor da UFPE, escreveu uma gramática intitulada Perfil da língua Iatê.

Nos anos 1990, Eurípedes Barbosa, da UnB, sob a orientação do Prof. Aryon Rodrigues, escreveu uma dissertação de mestrado sobre a Fonologia do Yaathe, e eu comecei os meus estudos sobre a língua, na UFPE, sob a orientação da Profa. Adair Palácio. Meu primeiro trabalho foi uma dissertação de mestrado em que efetuei uma pesquisa para definir a situação sociolinguística da língua Yaathe, cujos resultados mostraram que a língua era falada pela grande maioria da população, convivendo com o Português em uma relação diglósica e não apresentava sinais de deslocamento em qualquer direção, ou seja, tratava-se de uma situação de bilinguismo estável.

Em seguida, empreendi, como tese de doutorado, ainda na UFPE e sob a direção da Profa. Adair Palácio, uma descrição da língua. Nessa descrição, eu busquei descrever o sistema fonológico, identificando os sons da língua, depreendendo os fonemas, definindo o padrão silábico e procurando descrever os processos fonológicos. Também procurei descrever os sistemas morfológico e sintático. Darei exemplos de aspectos básicos de cada um desses sistemas.

No nível da Fonologia, apresento o inventário de fonemas, conforme encontrado pela análise, e duas regras fonológicas.

1) Inventário de fonemas

	Labial	Coronal		Dorsal	Glotal
		+ant	-ant		
Não contínuas					
simples	p	t d		k	
aspiradas	p ^h	t ^h		k ^h	
nasais	m	n			

Contínuas	f	s	ʃ		h
Africadas					
simples		ts	tʃ dʒ		
aspiradas		ts ^h	tʃ ^h		
Laterais		l	ʎ		
Aproximantes	w		y		

Quadro 1: Fonemas consonantais

Fonte: Costa (1999)

b) Fonemas vocálicos

	Anterior		Central		Posterior	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alta	i	i:			u	u:
Média alta	e	e:			o	o:
Média baixa	ɛ				ɔ	
baixa			a	a:		

Quadro 2: Fonemas vocálicos

Fonte: Costa (1999)

2) Regras fonológicas

a) Desvozeamento da oclusiva coronal

A regra de desvozeamento de oclusiva coronal /d/ é uma regra de assimilação regressiva do traço [-voz]: a consoante oclusiva sonora /d/ passa a [t] antes de uma consoante surda, como nos exemplos abaixo.

/edaka/ → [etka] ele deixa
/ikidodeka/ → [ikdotkʎa] eu não tiro

2) Alongamento compensatório

A regra de alongamento compensatório é o resultado do apagamento de uma sílaba, por questões de adequação rítmica, com assimilação de nasalidade e alongamento da vogal da sílaba precedente ou simplesmente com alongamento da vogal precedente

/tafe:toneka/	→	[tafe:'tõ:kja]	<i>ele trabalha</i>
[sekej'niho]		[sekej'ni:so]	<i>professor/professora</i>

No nível da morfologia, são estabelecidas as classes de palavras, os processos de formação de palavras, os mecanismos de flexão e derivação. Darei aqui exemplos da a) classificação de nomes em três classes, de acordo com o sistema de marcação de posse e b) da flexão de gênero em nomes.

a) classes de nomes, de acordo com a marcação de posse

Os nomes pertencem a três classes, de acordo com a obrigatoriedade e opcionalidade de marcação de posse e sua total ausência. Podemos classificar, assim, os nomes da línguas em três classes:

i) Nomes alienáveis nomeiam entidades cuja posse pode ser transferida; esses nomes podem ser ou não marcados para posse.

ma'k ^h aj	<i>arco</i>
i ma'k ^h aj	<i>meu arco</i>
ja ma'k ^h aj	<i>nosso arco</i>

ii) Nomes inalienáveis nomeiam entidades cuja posse é intransferível, como nomes de partes do corpo e termos de parentesco; são obrigatoriamente marcados para posse.

ika'sa	<i>minha filha</i>
eka'sa	<i>filha dele/dela</i>
*ka'sa	

iii) Uma terceira classe de nomes nunca pode ser marcada para posse, como os nomes de seres da natureza.

'fuli	<i>rio</i>
tʃaj	<i>céu</i>
'tʃ ^h ale	<i>mar</i>
*ja fe'tʃa	<i>nosso sol</i>

b) flexão de gênero

Em Yaathe, alguns nomes flexionam-se me gênero. Para isso, há três sufixos: /-ne/, /-sV/ e /-neka/.

O sufixo /-ne/ é o mais geral, uma vez que pode ser associado a nomes que referem tanto a pessoas quanto a animais e coisas.

i'ʃi	i'ʃine	<i>irmão/irmã</i>
wale	wa'lēne	<i>porco/porca</i>
i'ka	ika'sa	<i>irmão/irmã</i>
setso	setsō:kʰa	<i>índio/índia</i>

No nível da sintaxe, procura-se descrever o sistema sintático, ou seja, como as palavras se organizam em unidades maiores, tais como sintagmas, cláusulas e sentenças. Um aspecto importante dessa descrição é o que chamamos ordem básica dos constituintes principais – sujeito, verbo e objeto – na cláusula.

Em Yaathe, a ordem básica desses constituintes é SOV – Sujeito-Objeto-Verbo.

ɔts'ka itʰlo ewkʰa-se
homem cachorro matar-PAS
O homem matou o cachorro.

Outro aspecto interessante da sintaxe do Yaathe é a organização da sentença em termos da natureza semântica dos verbos. Os verbos na língua distinguem-se em duas classes semânticas principais: os agentivos e os passivos.

Essa distinção é evidenciada por diferentes fatos da estrutura linguística. Darei aqui apenas dois exemplos: a marcação de sujeito na terceira pessoa do singular por um clítico pronominal e a formação de cláusulas relativas.

A língua tem um sistema de clíticos pronominais que substituem pronomes plenos e nomes na flexão verbal, marcando o sujeito da cláusula. Os verbos agentivos são marcados pela forma /ta/, enquanto os verbos passivos são marcados pela forma /e/.

ta='k^hoʃkja tʃika-se
 3SG=palha tirar-PAS
Ela tirou palha.

e=kfafka-se
 3SG=dormir-PAS
Ele dormiu.

Uma cláusula relativa em Yaathe é construída da seguinte forma: à raiz verbal é modificada pelo sufixo que forma participios. Os verbos agentivos recebem o sufixo /-ho/, enquanto os verbos passivos recebem o sufixo /-do'wa/.

tʃãna-he ɔtska it^hlo ewho-se
 aquele-NPAS homem cachorro matar-PAS
Aquele é o homem que matou o cachorro.

tʃãna-he ɔtska ekfafdo'wa
 aquele-NPAS homem dormir
Aquele é o homem que está dormindo.

Numa descrição geral de uma língua, são esses os três principais níveis de análise enfocados. Entretanto, a complexidade do sistema linguístico exige que vários aspectos sejam posteriormente refinados. No caso do Yaathe, outros trabalhos nesse sentido já foram ou estão sendo empreendidos.

Cabral (2009) explorou o sistema acentual no nível lexical e demonstrou que os correlatos fonéticos do acento não podem ser facilmente delimitados, como prediz a teoria. Contudo, através de um estudo experimental, ele conseguiu observar que intensidade, *pitch* e duração podem estar correlacionados para a expressão da proeminência acentual na língua e que a variação de *pitch*, ao contrário do que diziam trabalhos anteriores, não é distintiva. Mais claramente, ele definiu o acento lexical como sendo fixo em uma janela de duas sílabas, começando do lado direito da palavra, e de forma independente da estrutura silábica.

Paroxítonas		Oxítonas	
'se.ʃi	<i>assento</i>	si.'tʰa	<i>barriga</i>
'e:.dʒo	<i>fim</i>	tʃʰe.'ka	<i>árvore</i>
se'kodo	<i>animal</i>	felo'a	<i>cinza</i>
ch'didi	<i>força</i>	sesi'li	<i>flor</i>
sokʰlok'do:kia	<i>ano</i>	ulia'ʃi	<i>nascente</i>

Silva (2011) dedicou-se a explicar detalhadamente a estrutura silábica da língua. Também utilizou métodos acústicos/experimentais e baseou-se na Fonologia Autosegmental para chegar aos seguintes resultados principais: a) as possibilidades de ocorrência de clusters consonantais são muitas, envolvendo combinações e sequências que violam alguns princípios universais, tais como sequência de sonoridade; b) os tipos silábicos permitidos são: V, CV, VC, CVC, CCV e CCVC; c) em relação à estrutura silábica: i) a sílaba mínima é V; ii) todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição de *onset* simples; iii) em relação aos *onsets* complexos, a língua apresenta algumas restrições: na posição C₁, podem ocorrer /t,t,k,k,d,f,s,ʃ,ts,tʃ,tʰ,m/; a posição C₂ pode ser ocupada por; o núcleo pode ser ocupado por /t,d,tʰ,k,f,s,ts,m,n,l/ qualquer um dos fonemas vocálicos /u,u,i,i,i,o,o,e,e,ɔ,ɔ,a,a/; a posição C₃, posição de *coda*, pode ser ocupada pelos fonemas /k,s,ʃ,h,ts,m,l,w,j/; o núcleo, sendo ocupado por uma vogal longa, não permite mais uma consoante na *coda*. O padrão silábico foi definido como (C)₁,(C)₂,V~V:(C).

Encontra-se em andamento o trabalho de doutorado de Fábila Pereira da Silva, cujo projeto inicial tinha como objetivo principal a definição da palavra fonológica em Yaathe. A pesquisa e os estudos, porém, mostraram que para se chegar à definição de palavra fonológica a compreensão de outros constituintes da estrutura prosódica seriam necessários. O trabalho está em fase de conclusão e deverá ser apresentado nos próximos seis meses.

Um trabalho muito importante para a língua Yaathe foi realizado nos últimos anos. Trata-se do projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô), executado por uma equipe de linguistas do Grupo de Estudos em Fonética e Fonologia da Faculdade de Letras (UFAL). Nesse projeto, foram registrados em áudio e vídeo uma diversidade de gêneros textuais orais, listas de palavras, coletâneas de textos escritos, cânticos e danças. Os dados linguísticos foram transcritos e anotados

sendo, ao final, juntamente com os dados não linguísticos, arquivados em um Banco de Dados Mundiais, o IMELD, para preservação. Os mesmo dados estão armazenados em computadores do grupo de estudo para que sejam utilizados pelos pesquisadores interessados, com o devido aval da comunidade indígena Fulni-ô, a quem eles pertencem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de descrição de línguas indígenas, ou de línguas ágrafas de modo geral, é um trabalho primariamente científico. Para se chegar à descrição geral de uma língua, ao que chamamos a gramática da língua, ou para se refinar a análise de aspectos específicos, buscando-se compreender o fenômeno mais detalhadamente, é exigido do estudante um vasto corpo de conhecimentos em teoria linguística e em metodologia de coleta e análise de dados, o que, sem dúvida, leva a uma formação como linguista bastante sólida.

Embora a descrição tenha esse caráter antes de tudo científico, sendo especialmente importante para a ciência linguística, seus resultados atingem muitas outras áreas de interesse. Uma dessas áreas é a preservação e revitalização. De acordo com Harrison (2007, p. 6-7), comparando superficialmente desaparecimento de línguas com extinção de espécies, verifica-se que, do mesmo modo que espécies podem ser conservadas empalhadas em Museus, línguas podem ser preservadas em dicionários e gramáticas. Podemos levar adiante a metáfora lembrando que, do mesmo modo que um animal empalhado, dicionários e gramáticas não têm vida.

Entretanto, gramáticas e dicionários podem ajudar no trabalho, senão de revitalização da língua, propriamente dita, no trabalho de acompanhamento das atividades de língua nas escolas, o que às vezes se torna difícil porque não parece ser possível orientar-se o ensino de língua na escola indígena sem se conhecer a língua. A descrição da língua permite que se apreenda a estrutura, o que chamaríamos de aspecto fixo da língua – fixo entendido aqui como não inteiramente homogêneo, único, mas maleável dentro de determinados limites. (COSTA E SILVA, 2009). A apreensão da estrutura – sobretudo fonologia e morfologia – ajuda a organizar o sistema de escrita, considerando que, caso não houvesse essa possibilidade de fixidez, por assim dizer, as possibilidades de escrita de uma língua seriam

infinitas, nunca se podendo chegar a um consenso, um padrão ou norma, visto que uma língua escrita precisa ser normatizada, pois é um código, uma representação da língua, não é a mesma língua falada.

Assim, todo o trabalho do linguista (e outros estudiosos), gravando, registrando, descrevendo e documentando, ainda não é, necessariamente, revitalização de língua, mas pode dar uma contribuição para isso porque são sempre registros dos dados da língua, tanto na forma de gramática e dicionário quanto na forma de dados coletados e armazenados para esses fins. E, assim, descrição e documentação se completam como formas de registro de uma língua. Documentar, descrever e analisar uma língua indígena brasileira é uma tarefa que, para algumas línguas, é extremamente urgente, pois, das cerca de 180 línguas ainda faladas, a maior parte encontra-se em risco elevado de extinção. Algumas são bem descritas, outras relativamente descritas, algumas possuem algum tipo de registro e um número desconhecido não tem qualquer registro, podendo desaparecer sem deixar vestígios. Todas guardam ainda segredos que podem ser muito importantes para a compreensão da natureza da linguagem humana, principalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, J. *Arte de Grammatica da Lingua Mais Vsada na Costa do Brasil*. Coimbra: Antonio Mariz, 1595. (Disponível em Biblioteca Virtual Curt Nimuendaju)

BARBOSA, A. L. 1950. Conversando com um índio Fulni-ô. Notas etnográficas e linguísticas. *Verbum*, tomo VII, fasc. 3.

BARBOSA, E. A. 1991. *Aspectos fonológicos da língua Yatê*. (Dissertação de Mestrado) Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

Branner, John C. *Os Carnijós de Aguas Bellas* [Notas sobre uma língua indígena brasileira] Detalhes: Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro tomo 94, 1929. Disponível em: <http://www.etnolinguitica.org/biblio:branner-1927-carnijos>.

CABRAL, D. F. *O acento lexical em Yaathe*. 110 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2009.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. (1988). São Paulo: Cone.

COSTA, J. F. 1993. *Bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas*. Aspectos do contato Português-Ya:thê. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 1993.

COSTA, J. F. *Ya:the, a última língua nativa no Nordeste do Brasil. Aspectos morfofonológicos e morfo-sintáticos*. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE. 1999.

DÂMASO, A. P. 1931. *O serviço de proteção aos índios e a tribo dos carijós no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: SPI.

HARRISON, David. *When languages die*. The extinction of the world's languages and the erosion of the human knowledge. New York: Oxford University Press, 2005.

HINTON, Leanne. Language revitalization: an overview. In HINTON, Leanne and HALE, Kenneth Locke Hale. (eds.). *The green book of language revitalization in practice*. Academic Press, 2001.

LAPENDA, G. 1968. *Estrutura da língua Iatê*. Recife: UFPE.

LEITE, Yonne. Línguas indígenas brasileiras e a esperança de um futuro. *Anais do IV Congresso de Letras da UERJ São Gonçalo (RJ)*. (Disponível em Biblioteca Virtual Curt Nimuendaju). 2011.

MAMIANI, L. V. *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam Kiriri*. Lisboa: Miguel Deslandes, 1699.

MARCGRAVE, George & PISO, Willem. *Historia Naturalis Brasiliae... Lungdun. Batavorum, apud Franciscus Hackium et Amstelodami apud Lud. Elzevirium*. (organizado por Joannes de Lart). 1648. (Link: <http://biblio.etnolinguistica.org>)

MELAND, D. 1969. 'Fulni-ô grammar', *Arquivo linguístico* n. 026. Brasília, D. F: Summer Institute of Linguistics.

MELAND, D. e MELAND, D. 1967. 'Fulni-ô (Yahthe) phonology statement', *Arquivo linguístico* n. 025. Brasília, D.F: Summer Institute of Linguistics.

MELAND, D. e MELAND, D. 1968. *Word and morpheme list of the Fulni-ô indian language*. Dallas/Texas: Summer Institute of Linguistics.

PINTO, Estêvão. *Estórias e lendas indígenas*. Secção E (História e Geografia), 15 Recife: Faculdade de Filosofia de Pernambuco, Universidade do Recife, 1955. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:pinto-1955-estorias>

RODRIGUES, A. D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *D.E.L.T.A.* 9.1:83-103. São Paulo. 1993a.

SILVA, Fábيا Pereira da. *A sílaba em Yaathbe*. (Dissertação de Mestrado). Maceió: PPGLL/UFAL, 2011.